Revista de Geografia (Recife) V. 41, Nº. 4, 2024 (Especial)

https://doi.org/10.51359/2238-6211.2024.264833

Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional. CC BY - permite que outros distribuam, remixem, adaptem e criem a partir do seu trabalho, mesmo para fins comerciais, desde que lhe atribuam o devido crédito pela criação original.

PKS PUBLIC KNOWLEDGE PROJECT

REVISTA DE GEOGRAFIA
Programa de Pós-Graduação em Geografia da UFPE

OJS OPEN JOURNAL SYSTEMS

https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistageografia

Ellen Churchill Semple: as montanhas, a circulação humana e as mudanças territoriais: a geografia como ecologia humana (comentários & tradução)

Nilson Cortez Crocia de Barros[1], Orcid: https://orcid.org/0000-0002-7633-3085

[1]Universidade Federal de Pernambuco, Recife, PE, Brasil[*]

Artigo recebido em 31/10/2024 e aceito em 05/11/2024

RESUMO:
O trabalho consiste na tradução para o Português do texto da antropogeógrafa norte-americana Ellen Semple dedicado ao estudo das influências exercidas pelas montanhas, como geofator, sobre os padrões de povoamento das populações humanas e sobre as mudanças histórico-espaciais. As ideias de progresso e difusão cultural guiam o texto. A tradução é precedida por uma análise do valor desta contribuição para a compreensão da história e das tendências atuais de organização do Espaço Geográfico.

Palavras-chave: distribuição espacial; natureza das montanhas; arranjo territorial e espacial; populações humanas.

Ellen Churchil Semple: mountains, human mobility and territorial changes: geography as human ecology (comments and translation)

ABSTRACT:
The work is the translation to Portuguese of one text published by the antropogeographer Ellen Semple dealing with the influences that mountains exert, as geofactor, over spatial patterns of human populations and históric espacial changes as well. The ideas of progress and spatial cultural diffusion guide the work. Previous introductory comments are provided by the translator explaining the value of Semple' s work to the understanding not only of the past but also of the contemporary spatial trends.

Keywords: spatial distribution; nature of mountains; territorial and spatial arrangement; human populations.

[*] Professor do Departamento de Ciências Geográficas da UFPE. E-mail: nilson.barros@ufpe.br

Comentário introdutório: as influências ambientais sobre os padrões e processos históricos e culturais

Ellen Churchill Semple (EUA, 1863; EUA, 1932), proeminente antropogeógrafa norte-americana estreitamente associada à experiência histórico-interpretativa que ficou conhecida como determinismo ambiental, concentrou os seus estudos em identificar o controle exercido pelo meio físico sobre o povoamento e a história do Espaço Geográfico.

À sua época, talvez mais fervorosamente que hoje, dominava a ideia de progresso, de evolucionismo, noções que eram associadas às mudanças culturais em geral. Ellen Semple se perguntava: o que retardava a mudança social? Observemos que quanto a este tema prevalecia na Antropogeografia o pensamento difusionista, quer dizer, aquele que acreditava serem as mudanças sociais provocadas essencialmente por transmissão ou empréstimos culturais, e não por invenções *in situ*. A grande pergunta que os geógrafos se faziam era: de que maneira os fatores geográficos influenciavam, facilitando ou dificultando, as difusões das novidades ou inovações.

Ellen Semple se propõe a tentar explicar como o curso da difusão das mudanças ou das inovações sociais, culturais e históricas em geral tem sido afetado por fatores geográficos tais como o relevo, o clima, a vegetação, a rede hidrográfica, a maritimidade, a continentalidade, etc. Destas influências resultariam padrões de povoamento e de apropriação do Espaço Geográfico os mais diversos. A europeização do território brasileiro foi em seus padrões espaciais e culturais afetada pela maritimidade, pelos rios, pelos tipos de vegetação, pelas montanhas, pelos climas, pelos solos, etc. E continua a sê-lo. A rede de cidades na Amazônia é o espelho da rede hidrográfica. A Cordilheira dos Andes, o Planalto Central do Brasil e a zona costeira úmida de Floresta Atlântica no Brasil exerceram enorme influência nas motivações e nas circunstâncias do povoamento em tempos pré ou pós colombianos.

A tradução que segue é dedicada à influência das montanhas sobre o povoamento. Este texto de Ellen Semple não nos ajuda a entender simplesmente o que se produziu de espaço organizado no passado, ou seja, não é um texto simplesmente de Geografia Histórica. Quem conhece uma grande cadeia de montanhas como os Andes logo reconhece o poder gravitacional dos seus vales encravados para a organização da vida rural e o do povoamento; quem conhece a Patagônia sabe o que é um anecúmeno e os seus efeitos sobre os fluxos migratórios e os assentamentos humanos. Na realidade, o texto de E. Semple nos auxilia também a refletir sobre o presente e o futuro das dinâmicas territoriais. As terras tropicais e subtropicais planas de solos profundos e irrigáveis sobre estoques de adequada água subterrânea atraem

como imãs os processos de apropriação agrícola. A ação humana não é indiferente às propriedades do Espaço Geográfico: isto é Ecologia Humana, esta é a tese de Ellen Semple.

Em outras palavras, ela refletiu e teorizou/generalizou sobre as relações entre as condições do meio geográfico e o curso da história humana. A sua formação acadêmica foi feita nos Estados Unidos da América e concluída na Universidade de Leipzig, onde foi exposta às influencias da Ecologia Humana ou Antropogeografia. Nesta Universidade, embora impedida à época de matricular-se pela sua condição de mulher, encontrou-se um *jeitinho* para que ela assistisse às aulas em um lugar à parte, cuidadosamente apartada dos alunos homens.

Ellen Semple não era nem uma geógrafa humana nem uma geógrafa física no sentido burocrático da separação da disciplina, uma vez que esta separação não faz nenhum sentido para a antropogeografia ou Geografia como Ecologia Humana. Ela realizava os seus estudos de Geografia como antropogeógrafa, quer dizer, entendendo a Geografia como Ecologia Humana. A questão a que tentava responder era: de que maneiras o Espaço Geográfico, através das suas características físicas, havia influenciado e continuaria a influenciar ou controlar o povoamento e o curso das mudanças culturais e históricas? Mais especificamente, a título de um exemplo: de que modo um *piedmont* poderia influenciar a distribuição das populações humanas?

Na presente tradução Ellen Semple examina como a natureza das montanhas influencia a distribuição espacial dos centros de comércio e o arranjo territorial ou espacial das populações rurais. Reflete sobre a maneira como as condições climáticas zonais alteram a funcionalidade ou significado ou o valor das montanhas em relação ao povoamento ou aos assentamentos humanos. O estudo antropogeográfico sobre as características azonais – excepcionalismo montano – dos brejos de altitude no semiárido da Região Nordeste do Brasil desenvolvido em Pernambuco por Gilberto O. de Andrade & Rachel C. Lins (1964) está em paralelo com as reflexões de Semple sobre as montanhas da região de Dafur, no Sudão[1]. A contribuição de E. Semple revela-se fundamental para os estudiosos que se dedicam à temática da Geografia Histórica ou da dinâmica do povoamento, sendo, portanto, relevante para o entendimento das realidades da ocupação e do uso da terra no Brasil no passado e no presente. Estas teorizações de Semple nos instrumentalizam para a entender a história do Espaço Geográfico.

Ellen Semple exerceu as suas funções de ensino e pesquisa nas universidades de Oxford, de Chicago, Columbia, Clark, entre outras, e em 1921 foi eleita presidente da Associação dos Geógrafos Americanos.

[1]ANDRADE, G. Osório & LINS, Rachel Caldas. Introdução ao Estudo dos "Brejos" Pernambucanos. **Arquivos**, Instituto de Ciências da Terra da Universidade do Recife, n.2, out. 1964.

Tradução por Nilson Crocia de Barros, de:

Mountain Barriers and Their Passes: extraído de *Influences of Geographical Environment*, New York: Henry Holt & Co.,1911.

"O Homem como parte do envoltório móvel da Terra.

A característica importante das planícies é o seu poder de facilitar cada fase da dinâmica histórica; por contraste, a característica que importa das montanhas é o seu poder em retardar, deter ou derrotar as mudanças históricas. O homem, como parte que é do envoltório móvel da Terra, como o ar e a água, sente sempre a atração ou repuxe da força da gravidade. Desta força ele nunca poderá de modo absoluto se libertar. Mediante gasto de energia ele pode escalar a mais inclinada escarpa, mas a cada degrau galgado a subida torna-se mais difícil em função da diminuição do calor e do ar e do aumento da exigência cardíaca. A manutenção da vida em altas altitudes é sempre uma luta. O declínio dos recursos alimentares quando se passa das zonas de menor para as de maiores altitudes torna as ultrapassagens de um sistema de montanhas uma provação para qualquer povo em deslocamento migratório ou exército em marcha que tenta escapar da área que cruza. Montanhas consequentemente repelem populações por meio da sua inacessibilidade e também pelas suas severas condições de vida, enquanto as terras baixas atraem a população, seja em condições de deslocamento migratório seja em termos de povoamento mesmo. Mudanças históricas quando se propagam pelas zonas montanhosas da Terra evitam as cristas e os cumes, buscam os vales e as passagens por onde a comunicação com as terras baixas é facilitada.

A inacessibilidade das montanhas.

Sistemas montanhosos elevados e maciços representam a barreira mais efetiva que o homem encontra na superfície da Terra. As grandes montanhas oferecem uma resistência contra a dispersão da população que desde longo tempo foi excluindo delas os assentamentos humanos. A dificuldade em construir estradas em escarpas íngremes e rochosas e através das florestas que costumam revestir as vertentes úmidas é suficientemente desencorajadora; mas, além disto, a infertilidade em geral, a escassez da terra arável, as condições climáticas severas, e a falta de comunicação fácil com o mundo exterior tudo isto oferece insuficientes bases de subsistência. Consequentemente, como norma, somente quando a pressão demográfica nas terras baixas se torna extraordinária sob as condições econômicas dominantes, os desmatamentos e as habitações começam a engatinhar vertentes acima. As montanhas são sempre áreas de ocupação tardia. Mesmo na Idade da Pedra, encontramos a raça dolicocéfala do Mediterrâneo, que

originalmente povoou a Europa, distribuída sobre o continente perto do sopé dos Alpes, mas não nas montanhas mesmas.

Montanhas como regiões de trânsito.

Regiões de montanhas, de modo semelhante aos desertos e aos mares, são meras áreas de trânsito que os homens atravessam o mais rápido que podem. Assim sendo, elas normalmente se tornam grandes áreas inativas em meio às zonas historicamente ativas, e aparecem inicialmente na história num papel secundário, quando despertam o interesse dos povos das planícies como passagem para atingir as terras de fato desejadas que se situem além-montanha. Então, como norma, apenas as rotas de trânsito ou as passagens são seguras, enquanto o restante das áreas fica desprezado. Cesar não menciona os Alpes senão para afirmar que os atravessou. Então tribos montanas tentaram bloquear a passagem de mercadores e tropas romanas, razão pela qual os Alpes se tornaram suficientemente importantes para serem conquistados (...)

Densidade de população nos cinturões de piedmont (terras baixas contornando montanhas, sopé das montanhas)

A área de piedmont separa duas zonas de contrastante densidade de população. Áreas montanhosas são, por norma, povoadas mais escassamente que as planícies. O piedmont é normalmente a região de transição com relação a isto; contudo, no caso em que as montanhas formam ilhas climáticas com adequada oferta de água em meio a zonas desérticas ou de estepes, as montanhas acabam por concentrar nas escarpas mais baixas toda a população sedentária, tornando o piedmont uma secção territorial de alta densidade demográfica. Montanhas baixas situadas nas regiões áridas se tornam centros de concentração populacional: neste caso a sua função de barreira ou obstáculo aos assentamentos humanos desaparece. No Sudão, na região de Dafur, as Montanhas Marra representam o distrito mais bem abastecido de água e mais densamente povoado (...) As zonas de piedmont tendem a desenvolver vida urbana, mesmo quando os assentamentos rurais não são densos. A dispersão da população e a insuficiência de cidades na montanha faz com que muitas rotas de tráfego se mantenham distantes das terras altas, embora suficientemente perto da base montanhosa para ligar-se comercialmente a cada um dos vários vales glaciares. Nos depósitos aluviais ou planos destes vales, onde os caminhos da montanha e do piedmont se interceptam, os povoados crescem. Alguns deles se tornam cidades quando controlam as rotas de comunicação transversais das terras altas (...)

A importância dos vales nas montanhas.

Nos seus vales, as montanhas perdem muito da sua natureza de obstáculo ou barreira, e a sua condição assemelha-se à das planícies. É quando as montanhas acolhem oásis com populações densas e

comunicações fáceis. Os vales favorecem os assentamentos de população através do clima moderado pela mais baixa altitude, pela a acumulação de sedimentos (solos), pela proteção contra o meio ambiente, e pelo comando das rotas de comunicação que as montanhas permitem. Os vales são as avenidas de um sistema de montanhas e, em consequência, influenciam radicalmente a história deste sistema através da sua direção e localização (...)

A antropogeografia dos vales de montanha depende da própria estrutura das terras altas, quer dizer, conforme as montanhas sejam no formato de cadeias sucessivas – quando se produzem os vales longitudinais – ou no formato de platôs dissecados – quando os vales em geral originam-se no centro hidrográfico do platô e orientam-se para as bordas do mesmo. Os vales longitudinais são não apenas longos, mas também normalmente largos e aplainados. Em decorrência disto, estes vales formam áreas de considerável dimensão, fertilidade e identidade social e cultural, e exercem assim diferentes papéis históricos no contexto montanhoso onde se situam. Estes vales exercem – em decorrência dos seus comprimentos e dos vários vales laterais que lhes são afluentes – a função de avenidas naturais de comunicação dentro do sistema montanhoso (...)

A altitude da montanha como barreira.

Caso os demais aspectos estruturais sejam equivalentes, as montanhas são barreiras também em proporção à sua altura; isto por que, com poucas exceções, os vários efeitos antropogeográficos das áreas elevadas são intensificados com o aumento da altitude. Velhas montanhas como os Apalaches e os Urais, apesar de vastas, tem sido menos efetivas como obstáculos que as cristas altas dos Alpes e do Cáucaso. A forma da elevação também conta. Escarpas suaves e topos aplainados ou abaulados criam regiões de passagem ou rotas mais favoráveis que as cristas com flancos escarpados. Montanhas em formato de platô, ainda que atingindo elevadas altitudes, podem ser relativamente favoráveis ao movimento histórico, e mesmo acolher nos verões algumas populações de nômades."

FIM

REFERÊNCIA

SEMPLE, Ellen Churchil. **Mountain Barriers and Their Passes:** extraído de Influences of Geographical Environment, New York: Henry Holt & Co.,1911.